



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

PODRIDÃO GEOMÉTRICA

Marcos Roberto Inhauser

Há algum tempo venho pensando na progressão geométrica quando leio o noticiário da corrupção, especialmente a praticada em Brasília. Fui alertado para isto quando da morte do Jeferson Peres, senador amazonense. Nas muitas considerações que ouvi sobre este político que eu admirava, estava uma constante: foi um político honesto. Oras, pensava eu, se é necessário ressaltar o que deveria ser obrigatório a todos os senadores é porque a coisa anda rara nos gabinetes senatoriais. Tentei lembrar quantos outros senadores haviam dito isto e me surpreendi que todos os que ouvi haviam afirmado isto. Conclui, sem muita dificuldade, que honestidade é *avis rara* nos viveiros de Brasília.

Não demorou muito e fomos contemplados com os bois gordos do Renan, sua amizade com o lobista e as mal explicadas quantias em dinheiro que pagou para acobertar uma paternidade que veio à público. RenAnciou para não ser cassado.

Mais tarde leio que parte significativa dos senadores no exercício dos mandatos tem processos na justiça. Depois veio a entrevista do senador pernambucano acusando colegas de partido e o próprio partido de corrupção. Não bastasse isto, da tribuna acusa colegas de corrupção e todos se calam ou dão explicações pífiyas. Ato seguido, o senador gaúcho Pedro Simon, avaliza o que o Jarbas havia dito e nada acontece.

Ou melhor, aparece. Vem à tona as articulações para a eleição do Sarney para o a presidência, sob a orquestração do Renan, que regeu a orquestra com a batuta por baixo dos panos. Só soubemos do compasso da música na eleição do Collor para a Comissão de Infraestrutura. Pagamento de aliança chamada de espúria por outro senador, o Mercadante.

A podridão ainda mostraria seu lado de progressão geométrica com a casa/mansão/palácio do administrador Agaciel, nomeado pelo dono do Maranhão, o Sarney. O imperador político (que é uma aberração da lei eleitoral porque tem seu domicílio eleitoral em um estado onde não mora e eleito para representar um estado que não é o seu, dando assim representação indevida ao estado que é dono) quis segurar o afilhado, mas foi pressionado pela mídia e opinião pública e “aceitou a renúncia” para o bem do Senado.

Mal acabava esta história, mais uma podridão: o ex-senador Efraim Moraes autoriza o pagamento de horas extras no valor superior a seis milhões de reais, supostamente feitas no mês de fevereiro, quando não houve sessões do Senado. E para coroar a podridão geométrica, veio com a explicação de que trabalharam para preparar a sessão a primeira sessão de março.

Bem disse o Jarbas Vasconcelos: não preciso dar nomes, eles vêm à tona todos os dias. Acredito nele.